

FORMAÇÃO DE FORMADORES: A HISTÓRIA DAS RESISTÊNCIAS E DA EDUCAÇÃO POPULAR ATRAVÉS DAS IMAGENS MURAIAS NA AMÉRICA LATINA.

OLIVEIRA, Mariana Gomes¹
ARAÚJO, Dâmaris Starling Ferreira²
MORALES, Livia Fernanda³

RESUMO

Este projeto tem como objetivo geral produzir uma experiência coletiva a partir do encontro entre várias entidades que trabalham a arte mural na América Latina e o Caribe, com o fim de sistematizar e consolidar um material pedagógico sobre as práticas da educação popular no continente. Como exercício de difusão e projeção da proposta, foram realizadas várias ações, entre elas curso de formação de formadores para educadores populares e da rede pública da educação municipal de Foz, em parceria com o SINPREFI, a partir de sua própria demanda à UNILA. Além desse trabalho, em 2018 iniciamos atuação com as crianças da Ocupação Bubas, com oficinas e espaços coletivos de aprendizagem. A intencionalidade é a de explicitar a educação popular como premissa e princípio organizativo para e desde o popular. A referência metodológica é da pesquisa-ação ancorada no materialismo histórico dialético como método que analisa a realidade com vistas a potencializá-las.

Palavras-chaves: Educação popular, movimentos sociais, território, luta de classes, resistências.

1 INTRODUÇÃO

A educação popular como ato político, abre alas para a retomada no presente, das contestações do passado que permitiam criar o horizonte de sentido de que as lutas sociais evocavam, o direito à vida, em uma sociedade que cobra o preço cada vez mais alto pelo pagamento da mesma. Nesse sentido, a educação popular não é técnica, nem metodologia, muito menos caridade. É ato político de protagonismo popular sobre o grito, manifestação concreta de presença nas lutas para além da lógica alienante do capital sobre o trabalho.

Espera-se que esta experiência de encontro de saberes entre a UNILA e demais

1 Estudante do Curso de Letras - Artes e Mediação Cultural - ILAACH - UNILA; Bolsista Proex. E-mail: marioliveirag7@gmail.com \ mgd.oliveira.2016@aluno.unila.edu.br

2 Estudante do Curso de História – ILAACH – UNILA; Bolsita Proex. Email: damarisstarling4@gmail.com

3 Docente do Ciclo Comum de Estudos - ILLACH - UNILA. Email: livia.morales@unila.edu.br

parceiros envolvidos no projeto, permita a consolidação de material de difusão e de participação pública e ampla da comunidade acadêmica nas ações coletivas de fortalecimento da visibilidade das expressões da educação popular no continente. Dita condução coletiva, permitirá à comunidade acadêmica ter acesso às epistemologias populares a partir do pensamento e linguagem manifestos na arte política do muralismo clássico e contemporâneo, público e de rua.

No ano de 2018, temos nos concentrado no espaço autogestionado de Ocupação Popular da comunidade Bupas, em Foz do Iguaçu, maior ocupação do estado do Paraná, onde hoje vivem mais de 1.300 famílias cadastradas e 300 sem cadastro, em condição de acampados. Com o contato direto com a comunidade, os moradores contam sobre a experiência de viver ali, suas conquistas diárias, suas lutas infundadas e também suas necessidades. Atuar no território, Bupas, a partir da educação popular, com elementos da pesquisa-ação, dando destaque especial para atividades culturais com crianças e mulheres.

2 METODOLOGIA

Este projeto estrutura-se metodologicamente na referência de três elementos combinados entre si: a) a história cotidiana e oral manifesta pela narrativa da educação popular; b) a pesquisa-ação presente nos trabalhos da pedagogia crítica com referência à práxis de Paulo Freire sobre o protagonismo dos sujeitos na ação educativa como ato político; c) o materialismo histórico dialético como método que parte do real vivido com vistas a problematizar e superar a sociedade alienante e fetichizada ora hegemônica na era do capital.

Temos como estrutura de ação: estudo teórico, articulação de atores sociais da Ocupação Bupas e planejamento e execução de atividades culturais e formativas com as crianças e as mulheres deste território.

A partir de nossa base metodológica, no ano de 2018, buscamos uma maneira de participar positivamente na realidade dos moradores da comunidade Bupas, de se deslocar do centralismo do papel que a universidade se coloca, ouvindo os moradores. O grupo percebe assim a importância de conviver mais com as crianças da comunidade, que contabilizam mais 1.500 (menores de 12 anos) e em torno de 20-30 em medidas sócio-educativas. Essas crianças estão com alto índice de evasão escolar, sofrem com falta de estrutura e de atividades que os protagonizam em suas vivências, que potencializam suas experiências e

oportunizem uma infância mais feliz. Assim o grupo tem se dedicado em visitas semanais à comunidade, oferecendo oficinas e atividades; criativas artísticas, lúdicas e educativas. A intenção é atender a demanda das crianças que estão brincando pelas ruas, que não estão na escola. Também como ação, damos suporte durante a Reunião de Mulheres do Bubas, que acontece mensalmente na comunidade, nosso papel é realizar atividades com as crianças durante as reuniões, para que as mulheres mães tenham com quem deixar seus filhos enquanto participam da reunião.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este projeto de extensão parte de uma dupla processualidade: a) a conexão de saberes entre várias experiências que, a partir do Brasil, estudam e potencializam a educação popular através das múltiplas linguagens estéticas; b) a conexão de saberes na indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, tendo como processo gerador a integração dos povos da/na América Latina, a partir das imagens produzidas nos territórios.

Esta proposta de extensão conecta-se com o atual projeto de pesquisa com o título Saberes em Movimento: um encontro entre Freire, Marini e Boal na luta por terra e trabalho no Brasil, em execução no momento, contando com 1 bolsista de IC e 8 estudantes voluntários.

Estas processualidades se conectam com uma necessidade histórica da formação de formadores, uma vez que o momento atual – perdas de direitos e precarização do mundo do trabalho, construção de projetos de esvaziamento político da memória e da história, criminalização das lutas sociais, estereotipação da política como espaço de representação sem participação, empobrecimento do caráter ontocriativo do ser social – exige a retomada de uma análise integrada sobre os processos.

A história das resistências no continente – tanto dos trabalhadores da educação como dos trabalhadores do campo e da cidade em geral - foi/é narrada, a partir de um discurso oficial, que ora invisibilizou/invisibiliza a construção popular; ora a estigmatiza como saber distanciado do conhecimento científico, como domínio do território (espaço-tempo construído por seres sociais).

Partimos da perspectiva de que a educação popular não deve ser entendida como metodologia, dinâmica para os “menos letrados” ou linguagem dos e para os

que não dominem o que se caracteriza na academia como ciência formal. Ao contrário, nosso posicionamento é de que conhecimento e linguagem pulsam vigor, mística e horizontes de sentidos dentro dos territórios em que são narrados seus olhares sobre o cotidiano.

Entendemos a educação popular como premissa e princípio. Como premissa, partimos do pressuposto de que o(s) sujeito(s) populares protagonistas da ação narrativa de suas histórias nos territórios, colocam em movimento processos que expressam ora a ordem, ora a desordem na qual o(s) mesmo(s) se encontra(m).

4 RESULTADOS

Descentralização das decisões do grupo para com a comunidade, em relação à prática com a comunidade, equívoco comumente praticado nas relações da universidade com a sociedade; Prática da escuta e da construção coletiva de um plano de ação na comunidade; Contato enriquecedor e potencializador mútuo entre as vivências dos membros grupo e as crianças do Bubas; Integração horizontal de potencialidades, práticas, saberes entre os envolvidos, moradores do Bubas e grupo de Extensão; Vivência orgânica dos nossos estudos epistemológicos e bases referenciais, oportunidade de usar a teoria absorvida como potência da prática.

5 CONCLUSÕES

A experiência adquirida a partir do curso de formação oferecido ao SINPREFI nos fortaleceu enquanto coletivo e também na teoria e na prática para iniciarmos o trabalhos propostos para o Ocupação Bubas neste ano e nos proporcionou um espaço de formação coletiva e potencializadora dos sujeitos da classe trabalhadora em um período de graves investidas neoliberais.

O trabalho coletivo executado no Bubas exige um grande comprometimento por parte das bolsistas e voluntários no planejamento e execução das atividades. É necessário estabelecer uma relação de confiança com as lideranças da ocupação e seus moradores para que nossos trabalhos possam ser realizados da melhor forma e para que o processo de aprendizagem coletiva não seja ditado por um lado só. Consideramos como essencial para o projeto a relação entre os envolvidos, o contato entre realidades concretas, a troca entre as multiplicidades de olhares convivendo juntos de uma maneira orgânica. A criança ensina o que o universitário aprende, a mulher mostra o que a gente não vê, o território nos mostra o valor de

pertencer.

Essa experiência só é possível através dos estudos teóricos e reflexões sobre a prática, através do olhar sensível, da escuta, de perceber no cotidiano dos moradores do Bubas o valor que elas empenham no viver, no resistir, no mediar, para poder viver em comunidade.

6 PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo (org.). **A dialética do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

BOGO, Ademar. **Identidade e Luta de Classes**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria (org.). **Teoria e educação no labirinto do capital**. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

PELOSO, Ranulfo (org.). **Trabalho de base**: seleção de roteiros organizados pelo Cepis. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

TRASPADINI, Roberta; STEDILE, João Pedro (Org.). **Ruy Mauro Marini: Vida e obra**. 2º ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.